

TRAYECTORIAS ASEXUALES Y COMUNIDAD VIRTUAL

TRAJETÓRIAS ASSEXUAIS E COMUNIDADE VIRTUAL

ASEXUAL PATHWAYS AND VIRTUAL COMMUNITY

Marta De Giusti -Coordinadora
Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados
ORCID: 0009-0006-9930-788X - Correo electrónico: martadegiusti@gmail.com

Susana Gabriela Chávez Quispe
Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima
ORCID: 0009-0006-8733-3693 - Correo electrónico: susanagabrielacq@gmail.com

Déborah Rydel
Asociación Uruguaya de Psicoterapia Psicoanalítica
ORCID: 0000-0003-3230-7595 - Correo electrónico: deboryd12@gmail.com

Miguel Maldonado
Asociación de Psicoterapia Psicoanalítica
ORCID: 0009-0006-1875-9092 - Correo electrónico: mimaldop@gmail.com

Eugenio Lafón Nieto
Asociación Argentina de Psiquiatría y Psicología de la Infancia y la Adolescencia
ORCID: 0009-0006-3095-9126 - Correo electrónico: eugenieto28@gmail.com

Dunia Samamé
Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima
ORCID: 0009-0002-1907-8281 - Correo electrónico: duniasamame@gmail.com

Fecha de recepción: 09 - 10 - 2025

Fecha de aceptación: 31 -10 -2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

de Giusti M. - Chávez Quispe S. G. - Rydel D. - Maldonado M. - Lafón Nieto E. - Samamé D.(2025)

TRAYECTORIAS ASEXUALES Y COMUNIDAD VIRTUAL

Intercambio Psicoanalítico 16 (2), DOI: 10.60139/InterPsic/16.2.11

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

TRAJETÓRIAS ASSEXUAIS E COMUNIDADE VIRTUAL

Equipe de Pesquisa em Assexualidades da FLAPSSIP

Marta De Giusti¹ -
Coordinadora
Deborah Rydel²
Eugenio Lafón Nieto³

1 Marta De Giusti- Associada plena da Associação da Escola de Psicoterapia para Formados (AEAPG). Psicóloga UBA – Psicanalista. Diretoria de Pesquisas da FLAPSSIP.

2 Deborah Rydel - Sócia da AUDEPP. Mestre em Psicologia Clínica, UDELAR.

3 Eugenio Lafón Nieto – Associação Argentina de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência (ASAPPIA). Lic. em Psicologia (UNLP). Pós-graduação em psicanálise das infâncias e adolescências-ASAPPIA. Professora na pós-graduação de ASAPPIA. Recentemente publicou *Fantasia, Imaginación Radical y cuerpo representacional*, em https://www.controversiasonline.org.ar/numero_publicado/n33-2023/. Amante do teatro.

Susana G. Chávez Quispe⁴
Miguel Maldonado⁵
Dunia Samamé⁶

4 Susana Gabriela Chávez Quispe - Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima (CPPL).

Advogada da Universidade Nacional Mayor de San Marcos. Psicoterapeuta psicanalítica formada em CPPL.

5 Miguel Maldonado – Associação de Psicoterapia Psicanalítica (ADPP) Licenciado em Psicologia Clínica da Universidade Inca Garcilaso de la Vega. Psicoterapeuta Psicanalítico. Mestre em estudos teóricos em psicanálise da Pontifícia Universidade Católica do Peru. Membro da Comissão de Neonatologia do Colégio de Psicólogos do Peru. Presidente e ex Secretário Científico da Associação de Psicoterapia Psicanalítica. Ex-consultor em Psicologia Perinatal do Serviço de Neonatologia do Hospital San Bartolomé.

6 Dunia Samamé – Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima (CPPL). Socióloga da Universidade Nacional Mayor de San Marcos. Psicanalista.

Introdução

A incursão nas assexualidades começou na FLAPSSIP em 2019, a partir de uma pesquisa cujas conclusões preliminares foram apresentadas no IX Congresso (Chile) dessa Federação sob o título *Assexualidades, um enigma a ser decifrado?*, e no Congresso Internacional de Pesquisa e Práticas Profissionais em Psicologia da UBA (2022). Nesse ano, também foi publicado na revista *Intercambio Psicanalítico*. Atualmente, está sendo desenvolvida uma segunda fase, centrada na função da comunidade virtual na assexualidade.

No âmbito dos debates sobre diversidade sexual, as assexualidades emergem como uma proposta de dissidência ou contrassexualidade. Esta fase da pesquisa se concentra na análise das funções desempenhadas pelas comunidades virtuais e pelos sites de grupos de assexuais: espaços de resistência e contestação que, além de facilitar o reconhecimento subjetivo e intersubjetivo, criam realidade compartilhada, identidade e pertencimento. Acima de tudo, esses ambientes proporcionam visibilidade e direitos àqueles que a sociedade costuma ignorar ou invalidar, favorecendo a presença e a expressividade das assexualidades. No estudo anterior, observamos um amplo leque de expressões sociais

em relação ao “outro”, desde as mais gerais (a sociedade) até as esferas íntimas (família, companheiros, amigos). É notável a coincidência dos discursos que condenam a experiência assexual: ela é rotulada como patologia, doença ou raridade, e é exercida pressão para redirecioná-la para a “verdadeira sexualidade”. Conjetura-se, portanto, que a linguagem social pode facilitar, dificultar ou mesmo excluir a possibilidade de constituir uma identidade assexual socialmente valorizada.

Segundo Luis Miguez (2001), a identidade é concebida como uma experiência inseparável do vínculo social: pensar a identidade implica pensar o vínculo com os outros e como o próprio se articula com “o outro”, com o estrangeiro.

Esta pesquisa aborda as novas formas de sofrimento que emergem quando a ética social falha em regular as normas dos vínculos recíprocos Freud (1930/1976a) já alertava sobre essa insuficiência ética que, ao exigir uma vida sexual uniforme para todos, produz uma grave injustiça. A problematização contemporânea das subjetividades em torno do sexual evidencia uma tendência à aceitação da diversidade. Nessa linha, as assexualidades constituem um campo propício para a reflexão: um caminho para compreender a dimensão do desejo diferenciada do sexo, um conhecimento do corpo, uma linha de fuga micropolítica e mais uma possibilidade entre os muitos modos de existência.

Os objetivos deste trabalho são: investigar o grau de visibilidade da assexualidade e analisar o caminho daqueles que se identificam como assexuais até o reconhecimento de sua identidade sexual, bem como a função que as comunidades virtuais desempenham nesses processos.

Antecedentes

Além das pesquisas citadas no trabalho anterior de 2019, foram consideradas as seguintes contribuições:

De Giusti, Biason e Cols. (2022) definem a assexualidade como uma manifestação da sexualidade humana caracterizada pelo desinteresse pela prática sexual, que pode ou não ser acompanhada por desinteresse por relacionamentos amorosos, independentemente do gênero. Eles abordam o tema a partir de uma perspectiva psicanalítica. A partir de postagens surgidas em comunidades virtuais assexuais latino-americanas, concluem que a condição assexual produz sofrimento devido às diversas tensões que lhes são geradas tanto pela compreensão de sua própria condição assexual quanto pelas pressões sociais a que são submetidos. Suñol, N. (2022) realiza uma revisão qualitativa do que foi publicado em revistas científicas entre 2002 e 2020 sobre a assexualidade. Muitas pesquisas descartam as hipóteses que associam a assexualidade a alguma patologia ou consequência de um evento traumático. A criação da comunidade virtual AVEN (2001) proporcionou um espaço onde pessoas assexuais pudessem compartilhar suas experiências com outras pessoas e ganhar maior visibilidade.

Na Pesquisa online da Comunidade Ase de 2021 (2023), da qual participaram 11.547 pessoas assexuais de todo o mundo, observou-se que foi na adolescência (entre 16 e 18 anos) que os entrevistados começaram a questionar sua orientação ou a se identificar com uma orientação assexual/como parte do espectro assexual e, nessa fase, começaram a participar de uma comunidade assexual. As redes sociais foram o espaço onde se lembravam de ter ouvido falar sobre assexualidade pela primeira vez com maior frequência.

Metodologia

A pesquisa é do tipo exploratória com um desenho metodológico qualitativo, com foco em compreender as experiências das pessoas que se identificam como assexuais. O quadro metodológico incluiu métodos mistos, com um desenho flexível, dada a dificuldade de acesso a fontes primárias. Entrou-se em contato com um grupo de sete mulheres e homens assexuais com idades entre 24 e 41 anos, com os quais foram realizadas entrevistas individuais e uma entrevista em grupo semidirigida. Da mesma forma, foi examinado o conteúdo latente dos corpora textuais que aparecem nos principais jornais dos nossos países (Argentina e Peru) sobre a pregnância ou não da assexualidade em suas publicações.

Quadro teórico

Em cada cultura, os modos predominantes de satisfação libidinal oferecidos fazem parte dos mecanismos regulatórios, disciplinares e de controle social que podem adquirir diferentes graus de intensidade e imposição. Dessa forma, as singularidades sexuais se transformam em uma problemática complexa, com diferentes facetas: sexuais, identitárias, políticas e éticas (De Giusti, Biason e Cols., 2022). Cada momento histórico social impõe uma forma de satisfação sexual onde fica estabelecido o que é permitido e o que deve ser reprimido ou proibido (Freud, 1908/1976b).

Castoriadis, C. (1998) aponta que não há subjetividade humana sem sociedade. A psique humana não sobrevive fora do sentido e a sociedade é que garante esses sentidos. O Eu é pensado como uma fabricação essencialmente social, o que torna impossível analisar sua função sem considerar o campo sociocultural em que o sujeito está imerso. É através da socialização que a psique renuncia às suas próprias identificações em troca de interiorizar e investir os significados imaginários sociais. Nessa transição, o sujeito se abandona a si mesmo como fonte de todo prazer. Imagine o que imaginar (sabendo ou não), não pensará nem fará mais do que o que é socialmente obrigatório pensar e fazer (p. 309).

A sociedade oferece projetos e identificações que permitem a projeção para o futuro. O projeto identificatório dá sentido à vida, que está substancialmente imbricado ao sentido da comunidade (Franco, Y., 2003). Nesse sentido, é muito útil a contribuição de Castoriadis sobre as representações imaginárias da sociedade, ideia que, sob a premissa de ques-

tionar o domínio de apenas um tipo de racionalidade instituída, aponta para a importância do instituinte, ou seja, a inscrição crítica do sujeito do conhecimento, afirmando que a realidade social é construída a partir do Imaginário Radical (Franco, Y., 2003).

Para Bleichmar, S. (1995), a identificação é a operação fundamental que gera as condições para instituir a subjetividade, ao promover os requisitos da constituição psíquica. A autora (2006) aponta um primeiro momento da identificação em que se institui a identidade de gênero. Essa identidade ainda não assume caráter genital nem registra o reconhecimento da diferença anatômica. No entanto, já implica um reconhecimento em relação à bipartição, na qual o outro significativo determina as características identitárias correspondentes: “Você é menina ou menino”.

Neste primeiro momento, no qual se define “o que se é” no próprio núcleo do eu, instalam-se os atributos que a cultura, na qual a criança se inserirá, considera pertinentes para um ou outro sexo, coexistindo com o polimorfismo perverso e antecedendo o reconhecimento da diferença anatômica. Trata-se, neste caso, de uma identificação oferecida pelo outro. Esse modo de conceber a identificação como uma operação de atribuição é utilizado por Freud para se referir a um mecanismo geral da vida psíquica.

Laplanche (1987) propõe o termo “cubeta” para pensar as modalidades de expressão da transferência. As palavras, associações, interpretações, sonhos são elementos que existem na vida cotidiana, têm uma existência anterior à análise e fora dela. Assim, a imagem da cubeta é utilizada como metáfora para descrever um continente artificialmente construído, onde as associações, sentimentos e sonhos terão funções particulares, que não têm fora desse espaço.

Resultados e análise

A assexualidade nos jornais

No caso dos jornais peruanos consultados, não encontramos muitas referências à assexualidade. No site do jornal *El Comercio*, entre os anos de 2023 e 2024, havia 29 notas de imprensa, enquanto no site de *La República*, de 2019 a 2024, aparecem apenas 4. Em ambos os jornais, são publicadas notas de imprensa sobre a assexualidade que fazem referência a experiências fora do país, em relação a comentários de artistas estrangeiros e filmes. Além disso, quando se referem ao Peru, estão ligadas à marcha do Orgulho Gay, com a particularidade de que, das 27 notas de imprensa, em 6 aparecem as pessoas assexuais apenas como parte da sigla do grupo LGTBQIA+, enquanto em 21, os assexuais nem sequer aparecem na sigla, mas como parte do grupo LGBTQ+ (ou seja, compreendidos no +).

No caso do jornal argentino *Página 12*, entre 2021 e 2024, foram registrados três artigos que tratam das experiências de pessoas assexuais no país. Um deles tem um propósito pedagógico e de sensibilização sobre a assexualidade. Outro dá um certo tom de problema à assexualidade, vinculando-a à síndrome do celibato, aludindo a um prazer solitário. O terceiro é uma crônica sobre as experiências de uma jovem assexual em aplicativos de namoro durante a pandemia. O restante das matérias jornalísticas (14) não aparece associado ao coletivo LGBTQI+ e faz uma referência isolada ou incidental à assexualidade, mas não constitui o tema central.

Em resumo, podemos afirmar que a assexualidade como orientação sexual é pouco visível nesses meios de comunicação. Em alguns casos, aparece como algo que acontece fora do país, ou em comentários do meio artístico, ou absorvida pela comunidade LGBTQI+.

A assexualidade na voz dos assexuais (ASE)

A partir das experiências recolhidas nas entrevistas, é possível delinear uma espécie de “Caminho Crítico” que as pessoas ASE percorrem desde o momento em que começam a sentir diferenças ou desconfortáveis em relação à sua sexualidade, até conseguirem se identificar como assexuais. No entanto, essas experiências são profundamente pessoais e intransferíveis, pelo que não é possível traçar um único “Caminho Crítico” universal e linear. O “Caminho Crítico” (Caravantes L, 2000) se refere ao percurso que uma pessoa que se sente diferente, que não se encaixa nas normas sociais relacionadas com a sexualidade imperante e que decide investigar ou procurar ajuda. As etapas identificadas nesse processo são quatro: 1. Reconhecimento do mal-estar 2. Trocas com o ambiente 3. Exploração e 4. Definição e aceitação. O primeiro momento corresponde ao reconhecimento do mal-estar. Nesta etapa, as pessoas mencionam a sensação de que algo “estranho” lhes acontece, percebendo-se diferentes dos demais e notando que não experimentam o mesmo que os outros em nível sexual. Algumas expressam diretamente seu desconforto diante de comportamentos sexuais, assumindo que existe uma “forma normal” de sentir ou agir. Embora nem sempre surja de forma explícita, prevalece a sensação de que podem estar enfrentando um problema de saúde mental, psicológico ou psiquiátrico.

Isso evidencia o impacto das concepções hegemônicas sobre a sexualidade e como a falta de informação adequada pode gerar um mal-estar que, provavelmente, seria menor se houvesse uma maior abertura e reconhecimento da diversidade sexual.

Alguns depoimentos ilustram essa etapa:

“Eu sentia que não víamos os homens da mesma forma. Que algumas coisas sim... beijo, carícia, abraço... eu chegava até aí, e minhas amigas iam além, gostavam de outras coisas, e eu pensava: ‘Tem algo estranho aqui’, porque comigo era diferente. Então, comecei a pesquisar um pouco” (Da, 27). “Sempre houve esse desconforto, principalmente ao ter relações sexuais. Era mais uma obrigação do que um desejo” (Fo 28).

Um segundo momento relevante nesse processo é o reconhecimento do mal-estar experimentado pelas pessoas assexuais na interação com seu entorno. Os depoimentos coletados revelam uma variedade de reações, que vão desde a desconsideração e o desconhecimento do tema até o confronto com diferentes categorias de orientação sexual e, em alguns casos, até mesmo a aceitação da assexualidade como uma orientação válida e diferente.

Entre os comentários, destacam-se os seguintes:

“Toda a situação era complexa, eu estava namorando um rapaz que acabou se aceitando como gay, e eu também não sabia que era assexual” (Ma, 41). “É uma fase, isso vai passar” (Ca, 29). “Você não será gay?” (Fo, 28). “A dor vai passar e você vai gostar” (Ca, 29). “No início, minhas amigas não entendiam, faziam muitas perguntas... diziam que eu tinha que experimentar, porque, se não, não saberia” (Da, 27).

Esses depoimentos refletem como, no âmbito social, persistem preconceitos e mal-entendidos em relação à orientação assexual, mas também evidenciam uma tendência à aceitação, que pode se fortalecer à medida que se aprofunda o conhecimento e a sensibilização sobre a diversidade sexual.

Durante a fase de exploração, as pessoas realizaram diversas ações para compreender e definir sua orientação sexual. Isso incluiu buscar informações na Internet, consultar blogues especializados, bem como explorar conteúdo nas redes sociais e plataformas digitais. Também leram livros relacionados, conversaram com profissionais e participaram de comunidades online para compartilhar experiências e esclarecer dúvidas.

Esses depoimentos ilustram como as pessoas utilizam diferentes recursos e estratégias de busca:

“A primeira coisa que fiz foi pesquisar no modo de navegação anônima do Google. Por que não sinto isso? ... Mas gosto de homens, sinto atração, mas não conseguia entender que era atração sexual que eu não sentia ... Encontrei o AVEN, este blogue para amigos e familiares de pessoas assexuais” (Da 27). “Encontrei um grupo no Facebook e lá comecei a me identificar com o rótulo de assexual” (MCa 41). “Li livros como Sem Amor, de Alice Oseman, e me identifiquei totalmente com tudo o que a autora dizia”. “Também conversei sobre isso com minha psicóloga” (Asa 22).

Esse processo permite que cheguem ao quarto momento, o da definição e aceitação. Nessa etapa, as pessoas expressam uma sensação de alívio e pertencimento ao se identificarem como assexuais. Para alguns, essa definição permite se compreender melhor e se sentir parte de uma comunidade que compartilha experiências semelhantes, o que os ajuda a abandonar sentimentos de vergonha, confusão ou incompletude.

Também facilita sua compreensão do espectro sexual, incluindo outras orientações relacionadas, como a grise sexualidade ou a demisse sexualidade. Além disso, algumas pessoas se mostram abertas a compartilhar a sua identidade em diferentes espaços e explicam como o processo de reconhecimento e compreensão pessoal e social promove processos de empoderamento e visibilidade. Pode influenciar positivamente o bem-estar psicológico, uma vez que contribui para reduzir o estigma. No entanto, algumas pessoas ainda não se sentem completamente definidas ou seguras em sua identificação, mantendo uma postura flexível em relação à sua orientação sexual:

“Tenho certeza de que sou ASE, tudo se encaixou” (Fo 28). “Hoje esse grupo é muito importante, é o meu grupo social” (Mca 41). “Tirei um peso das costas, em vez de ser uma pessoa com defeito, pertença a uma minoria que é indiferente ao sexo, não tenho interesse em ter relações sexuais” (Ma 41). “Estou dentro do espectro assexual e aromântico. Ainda não me defino como assexual” (Asa 22).

A partir do exposto, percebe-se que esse caminho crítico identificado na entrevista em grupo, a partir de uma perspectiva psicanalítica, pode ser concebido como um caminho de identificação/desidentificação em pessoas assexuais que não é uniforme.

Há duas questões que surgem com força nesse grupo: a excitação sexual como diferente do desejo e a complexidade de se identificar como assexual, onde esse reconhecimento é o resultado de um processo emocionalmente complexo.

É possível identificar, a título de hipótese, linhas de fuga do engessamento heterossexual até chegar à assexualidade. No início, os sentidos são comovidos em relação a uma posição heterossexual assumida e, em seguida, em alguns casos, ocorre a deriva/fuga para a questão da homossexualidade. Como não são heterossexuais, serão homossexuais? Ou seja, surge uma interrogação sobre o ser, uma questão existencial. Não há um reconhecimento claro de sua identidade sexual.

Também não aparece a excitação sexual como uma experiência que possam reconhecer no corpo. Afirmam não ter interesse na heterossexualidade imposta. Destacam que, dentro de um quadro heterossexual, chama a atenção o fato de não terem essa excitação apontada por seus pares.

Com esses questionamentos identificatórias, são levados à busca de certo conhecimento sobre a assexualidade. Encontrar pares que compartilham sentimentos, pensamentos e maneiras de viver essa situação vital que lhes acontece diminui a angústia e traz alívio saber que “isso também existe”.

Como mencionamos anteriormente, o grupo permite a elaboração de medos, canaliza angústias, fortalece a socialização, em um crescente enriquecimento das redes de apoio. É necessário o encontro com outro assexual para se apropriar desse aspecto da sua identidade.

Funções da comunidade virtual

A partir dos depoimentos de pessoas assexuais, identificamos três funções que as comunidades virtuais desempenham em suas vidas:

a. É um espaço de construção da identidade: como mencionado no início, a identificação é um processo psíquico inconsciente e dinâmico em que se assimila um aspecto do outro; porém, precisa de pontos de referência para não se tornar uma fonte de angústia que desestabilize o bem-estar emocional e mental da pessoa. Nessa linha, as comunidades virtuais constituem esses pontos de referência, pois possibilitam o encontro com outras pessoas cuja orientação sexual é incorporada ao se reconhecerem nessas características; a angústia que pode surgir nesse processo não desorganiza porque a comunidade legitima essa orientação. Alguns dos entrevistados afirmaram que a interação com pessoas assexuais através das redes sociais lhes permitiu perceber que pertenciam a essa orientação e se definir como tal:

“Só aos 35 anos, em 2018, encontrei, falando de comunidades virtuais e redes, um grupo no Facebook, e lá comecei a me identificar como assexual... e a partir de encontrar esse grupo, também encontrei uma comunidade” (MCa, 41).

b. É um espaço de contenção e compreensão, de pertencimento e humanização. Facilita a criação de relações interpessoais e laços de amizade.

É possível pensar que a comunidade virtual funciona como uma espécie de Cubeta (Laplanche, J., 1987), como um espaço continente, que traça limites e possibilita desdobramentos interpessoais. O poder do conceito de Cubeta está, neste caso, no coletivo da comunidade virtual — outra estrutura artificial — e em como esse coletivo funciona como um continente ligador que, em muitos casos, abre a possibilidade de pensar e refletir sobre si mesmo.

A comunidade virtual garante um invólucro que contém para que certos movimentos se desenvolvam com a menor ameaça psíquica de desestruturação. Oferece um ambiente seguro e protetor que facilita o desenvolvimento do processo de identificação e possibilita lidar de forma saudável com as angústias que podem surgir nesse acontecimento, sem o medo de ser rejeitado ou criticado. Sentir-se aceito significa que quem é assexual percebe que sua dignidade é reconhecida e que sua orientação sexual é legitimada.

Essa reflexão ganha relevância ao considerar que a discriminação pode ser vivenciada de diferentes formas, como exclusão social, assédio verbal, violência física, entre outras. De acordo com o Relatório da Pesquisa da Comunidade ASE de 2021 (seção 6), a forma mais comum de discriminação relatada por pessoas assexuais foram as perguntas excessivas ou inadequadas sobre sua orientação sexual

e/ou romântica (44%); seguida por tentativas ou sugestões de “consertá-las” ou “curá-las” (ou seja, sugestões/tentativas de terapias de conversão) (40,8%). Também relataram violência, assédio verbal e sexual, seja pessoalmente ou virtualmente, tratamentos com um ar de superioridade, de forma pouco gentil e/ou desrespeitosa, bem como perda de apoio material ou financeiro por parte da família, entre outros. Em relação ao nível de impacto que a discriminação, o preconceito ou outras experiências negativas devido à sua orientação sexual ou romântica tiveram em suas vidas, os resultados foram semelhantes: 72,8% relataram algum tipo de impacto em sua saúde mental ou emocional, representando um impacto significativo para 14,4%. Mais da metade dos entrevistados (52,9%) também indicou que a discriminação afetou suas relações familiares, enquanto 31,5% observaram até mesmo um impacto na sua saúde física.

Não é de se surpreender, então, que o discurso sincero dos entrevistados expresse com genuína naturalidade a relevância da comunidade virtual em suas vidas como um espaço seguro de humanização:

“... eles também se tornaram meu grupo de amigos, meu grupo pessoal, no qual podemos falar sobre sentimentos... funciona como uma espécie de grupo de apoio. Essa ideia de poder compartilhar um espaço com pessoas que passam por experiências semelhantes, que talvez não estejamos acostumados a ver no dia a dia” (La, 28).

“... com as comunidades virtuais... sinto uma tranquilidade, como uma sensação de liberdade, de que tirei um peso das costas, de que, em vez de ser uma pessoa que tem uma falha, simplesmente pertença, por enquanto, a uma minoria...” (Ma, 41).

Nessa linha, algo muito interessante que Dio Bleichmar (2013) defende é que o grande paradoxo humano é que aquilo que é mais singular e próprio de uma pessoa, como sua identidade e seus desejos, nasce predominantemente ligado à subjetividade do outro. Dessa forma, os membros da comunidade virtual constituem esses outros que devolvem esse olhar humanizador, que investe positiva e reciprocamente em cada um de seus integrantes.

c. A comunidade virtual, junto com as redes sociais, constitui um espaço informativo sobre sexualidade e divulgação da assexualidade como mais uma orientação sexual:

“... no entanto, uma vez que comecei a interagir com mais pessoas assexuais, através das redes sociais, percebi que isso é algo que talvez eu possa ser...” (La, 28).

“... eu me deparei com o termo assexualidade, ou seja, talvez eu já tivesse visto antes e ignorado, mas foi nas redes sociais, seguindo perfis que compartilhavam coisas de uma série... Foi aí que meus olhos se abriram e comecei a procurar informações” (Ma, 41).

De fato, de acordo com o Relatório da Pesquisa da Comunidade ASE de 2021 (2023), o Instagram se tornou a plataforma mais popular para participar de comunidades assexuais online, bem como a plataforma mais utilizada para consumir conteúdo da comunidade. Os entrevistados assexuais que participaram de uma comunidade assexual o fizeram principalmente online e a maioria nunca havia participado de grupos assexuais presenciais.

Conclusões

Acreditamos que a invisibilidade, constatada em meios gráficos reconhecidos de diferentes países, é uma forma de exclusão social, pois impede que essa comunidade se reconheça como parte integrante do universo que o discurso hegemônico descreve. Como diz Butler, J. (2004), o desejo de reconhecimento, sendo uma condição necessária para a constituição como ser social, transforma-se em uma sede de poder através da qual se produz o humano. Consequentemente, a impossibilidade de tal reconhecimento é um exercício de violência simbólica que se aninha justamente na ausência de representações adequadas daquelas identidades que o sistema expulsa por considerá-las inadequadas. Trata-se de mecanismos instituídos que regulam, neste caso, os destinos do prazer sexual.

Propomos que, somente por meio de comunidades e/ou grupos virtuais assexuais, as pessoas assexuais, cansadas de um imperativo do dever ser sexual, trilham um caminho rumo ao instituinte, realizando um trabalho de reflexão crítica sobre os sentidos incorporados, o que possibilita uma maior autonomia para construir coletivamente outros sentidos com os quais se identificar.

No caso dos assexuais, essa operação de atribuição, em que atribuem ao outro uma característica ligada à assexualidade, dá suporte ao que sentem existencialmente e ainda não conseguiram localizar. Em relação a outros assexuais, podem se reconhecer e pensar a si mesmos como tal. Faz sentido aqui aquela frase de Julio Cortázar em seu poema Bolero, que diz *"Você é meu espelho, para me ver tenho que te ver"*.

Nossa abordagem parte do pressuposto de que não há identificação sem vínculo amoroso/libidinal com o objeto. Essa operação não ocorreria apenas na comunidade assexual, mas em todos aqueles que incorporam, por meio da identificação, alguma característica ou elemento do outro ou dos outros. Essa lógica nos permite pensar que, ao contrário do que propõem alguns autores revisados no estado da arte, não se trataria de um processo de autoidentificação, pois enquanto houver vínculo libidinal, haverá um processo de identificação em andamento.

Trazemos a ideia e a pergunta: o que é comunidade? Considerando o material compartilhado pela comunidade assexual, podemos dizer: um sentimento, um investimento libidinal vincutivo que possibilita e sustenta a comunicação entre seus membros.

Os assexuais canalizam a tensão intrapsíquica — descontentamento, “moléstia” — e utilizam o mal-estar como motor na busca por visibilidade e pertencimento, uma vez que encontram/descobrem outros com quem estabelecer um vínculo libidinal, algo disso permanece ligado, moderado nessa trama representacional e identificatória, como uma corrente de pensamento que consegue reequilibrar a energia psíquica através do trabalho de ligação.

A construção social da identidade sexual é mediada por discursos e práticas que podem ser desafiadas e transformadas por meio de processos de reconhecimento e visibilidade.

Todo movimento libidinal se torna político no nível mais profundo, porque ou optam por pertencer a um conjunto convencional reconhecido, que não lhes cabe, ou aceitam seguir as linhas de fuga do desejo, aquilo de mais íntimo que os habita, e se livrar dos formatos pré-estabelecidos que os alienam profundamente.

Referências bibliográficas

- BLEICHMAR, S. (1995). Condiciones de la identificación. *Revista da Associação Escola Argentina de Psicoterapia para Formados* (21), 201-219.
- BLEICHMAR, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Editora Paidós.
- BUTLER, J. (2004). *Deshacer el género*. Editora Paidós.
- CARAVANTES, L. (2000). Violencia intrafamiliar en la reforma del sector salud de Centro América. Em A. M. Costa, E. Merchan-Hamann e D. Tajer (Eds.), *Salud, equidad y género: Un desafío para las políticas públicas* (pp. 227–239). Universidade de Brasília.
- CASTORIADIS, C. (1996). *Hecho y por hacer*. Eudeba.
- DE GIUSTI, M., BIASON, L., BARBIRATO, M., CANTIS, J., CABULI, A., MALDONADO, M., MORALES, C., MESSINA, L., ORTIZ, V. & SAMAMÉ, D. (2022). Asexualidades: ¿un enigma a descifrar? Subjetividad y vínculos en comunidades virtuales asexuales. *Perspectiva psicoanalítica. Revista Intercambio Psicoanalítico*, 13 (2), 154-170.
<https://intercambiopsicoanalitico.org/ojs/index.php/IPSI/article/view/41>
- DE GIUSTI, M., BIASON, L., LAFÓN, E., MALDONADO, M., RYDEL, D., RINCÓN, M., & SAMAMÉ, D. (2023). Función de la comunidad virtual en las asexualidades. *Revista Intercambio Psicoanalítico*, 14 (2), 114-126.
<https://intercambiopsicoanalitico.org/ojs/index.php/IPSI/article/view/56>
- DIO BLEICHMAR, E. (2013). *Manual de psicoterapia de la relación padres e hijos*. Editora Paidós.
- FRANCO, Y. (2003). *Magma: Cornelius Castoriadis: psicoanálisis, filosofía, política*. Biblos.
- FREUD, S. (1976a). El malestar en la cultura. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras completas* (Vol. 21, pp. 57-140). Editora Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930).
- FREUD, S. (1976b). La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras completas* (Vol. 9, pp. 159-182). Editora Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908).
- LAPLANCHE, J. (1987). La cubeta. *Trascendencia de la transferencia. Problemáticas V*. Editora Amorrortu.
- MIGUELEZ, L. V. (2003). *Jugar la palabra. Presencias de la transferencia*. Letra Viva.
- SUÑOL, N. (2022). *Asexualidad: una revisión sistemática* [Trabalho final de graduação, Universidade da República]. Colibrí. <https://hdl.handle.net/20.500.12008/36105>
- THE ACE COMMUNITY SURVEY (2021) *Living Conditions, Coming Out, and Communities* (Condiciones de vida, salida del armario y comunidades) Trad. 24/10/ 2024
<https://acecommunitysurvey.org/es/2024/10/24/condiciones-de-vida-salida-del-armario-y-comunidades-encuesta-de-2021/>
- THE ACE COMMUNITY SURVEY (2021) *Summary report* (Informe de la encuesta de la comunidad Ase de 2021) Trad. Dominguez, P., Volvoredra, Sgrò, A. (2024).
<https://acecommunitysurvey.org/es/2024/06/28/informe-de-la-encuesta-de-la-comunidad-ase-de-2021/>